



Inspirando, impactando e transformando vidas



**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

VIAJAR, SENTIR E EXISTIR: EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS CEGAS NO TURISMO SOCIAL

No turismo a visão ocupa um lugar central de mediação nas experiências entre a pessoa e o ambiente, por este motivo a falta de visão é interpretada como uma condição extremamente limitante e que impõe barreiras significativas às experiências de viagem para pessoas cegas. O turismo é uma atividade multissensorial, ou seja, durante as viagens os nossos sentidos estão ativamente agindo em nosso corpo e é através dessa corporeidade sensível que as vivências turísticas se constroem. Dessa forma, neste trabalho, apresenta-se uma coletânea das experiências sensíveis de pessoas cegas no Turismo Social, que destacam a potência do turismo para inclusão e transformação do conceito hegemônico de que o turismo é principalmente uma atividade visual, ampliando a concepção de que viajar é uma prática que mobiliza todo o corpo. O Turismo Social ao valorizar a diversidade de formas de percepção dos corpos reconstrói o próprio conceito de experiência turística.

Palavras-chave: Turismo Social. Inclusão. Cegueira.





Inspirando, impactando e transformando vidas



**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

1. INTRODUÇÃO

Constantemente, as pessoas buscam estímulos sensoriais, sendo a visão o sentido principal nesse processo. Não é raro que destinos de viagem sejam escolhidos a partir de imagens, o que reforça a centralidade da visão na construção das expectativas e das experiências turísticas. Ao priorizar a satisfação visual, o turismo tende a empobrecer a vivência, subordinando a experiência de viajar à lógica hegemônica das imagens.

O turismo possui o potencial de suspender a sobrecarga sensorial típica da vida contemporânea, onde constantemente somos convocados a ver, por meio do turismo o viajante pode experimentar outras formas de percepção, ao se afastar dessa hegemonia visual, a experiência turística pode abrir espaço para outras formas de percepção, permitindo ao viajante explorar o mundo por meio de uma atenção mais ampla, sensível e distribuída entre os sentidos. Essa hipertrofia da visão empobrece nossa capacidade de ver o mundo por meio dos outros sentidos, reduzindo a nossa capacidade de compreender as experiências perceptivas fora do campo da visão. Por isso, imaginar um turismo que não se baseie em imagens representa um grande desafio: trata-se de repensar a viagem não apenas como espetáculo visual, mas como uma vivência sensível, capaz de permitir que o corpo inteiro (e não só a visão) seja parte da experiência.

Segundo Merleau-Ponty (2011,P.117), “é pelo corpo que habitamos o mundo”, ou seja, é pelo corpo que ativamente sentimos o mundo. O nosso corpo é a condição primária de nossa existência. Portanto viajar desperta a nossa própria existência mobilizando todo o nosso corpo. Por este motivo, a partir das narrativas de pessoas cegas em viagens e passeios promovidos pelo Turismo Social (TS) do Sesc RJ, é possível vislumbrar um





Inspirando, impactando e transformando vidas



**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

turismo no qual as barreiras visuais são suspensas e as experiências turísticas são vivenciadas em toda a sua plenitude. Esse turismo reconhece e valoriza as diversas formas de viajar, sentir e existir, ampliando a compreensão das experiências estéticas de pessoas cegas no turismo.

2. JUSTIFICATIVA

A visão, enquanto sentido hegemônico na constituição das experiências no mundo contemporâneo, tende a negligenciar os demais sentidos nas relações entre a pessoa e o ambiente. Nesse contexto, o turismo se configura como uma oportunidade de ruptura com essa centralidade da visão, abrindo espaço para uma vivência mais sensível e diversa. Assim, a experiência turística torna-se mais acessível e inclusiva para diferentes corpos e existências, pois é no sentir — multissensorial e corporificado — que reside a dimensão mais universal da experiência humana.

3. OBJETIVOS

Apresentar as experiências turísticas vividas por pessoas cegas a partir das narrativas, obtidas nos passeios e viagens realizados pelo Turismo Social do Sesc RJ.;

Analisar, a partir dessas narrativas, o potencial do turismo como espaço de resistência ao empobrecimento das experiências provocado pela hegemonia da visão;

Reconhecer as experiências estéticas sensíveis produzidas no contexto da atividade turística, reforçando a importância de abordagens inclusivas que valorizam todos os corpos e formas de ser e estar no mundo (as existências).





**25 a 27
de junho**

**Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC**
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

4. PRINCIPAIS RESULTADOS

4.1 - Sentir: A experiência turística para pessoas cegas

É a primeira vez que fiz uma viagem! Nunca tinha me hospedado em um hotel.
Uma pessoa cega não tem muitas oportunidades.
(Participantes anônimos, pesquisa realizada no Projeto Turismo, Hospitalidade e Inclusão, 2024)

Esses relatos, colhidos durante as atividades do Projeto Turismo, Hospitalidade e Inclusão do Sesc RJ revelam dimensões pouco conhecidas da experiência turística para pessoas com deficiência visual. Viajar para essas pessoas significa romper barreiras e práticas simbólicas que historicamente as excluem de diversas esferas da vida social. A falta de oportunidades e acesso reforça a invisibilidade social e cultural de seus corpos.

É desafiador imaginar um mundo sem a visão, um sentido que, em nossa sociedade, ocupa o centro da percepção e molda as formas de existência.

A visão é a chave que nos faz atestar o real, sendo, muitas vezes, a única maneira considerada legítima de experienciá-lo. Estes pequenos relatos nos revelam como a falta de visão, longe de ser uma característica neutra, é muitas vezes vista como uma condição que submete o sujeito à marginalização e invisibilidade.

Segundo McRuer (2006) é nos espaços de exclusão e marginalização que se revela, paradoxalmente, o potencial de resistência e transformação. As narrativas de pessoas com deficiência no turismo nos revelam outros modos de experimentações e práticas no turismo que não apenas denunciam a ausência de acessibilidade, mas nos apontam para a necessidade de construir uma nova hospitalidade no turismo, mais atenta, sensível e aberta às diversas maneiras de vivenciar as viagens.





Inspirando, impactando e transformando vidas



**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

Deste modo, essas narrativas desafiam os modelos dominantes nas práticas turísticas, tradicionalmente centrados na corponormatividade¹, ao oferecerem novas possibilidades de experiência que valorizam tempos e espaços outros — passos mais lentos de dança, o vento no rosto, o som dos pássaros, a escuta atenta torna-se uma forma legítima de vivenciar uma viagem, potências adormecidas na exclusão.

4.2 - Viajar: A construção sensível do percurso

Cada destino carrega uma 'aura', conceito definido por Walter Benjamin como uma “Uma trama peculiar de espaço e tempo: a aparência única de uma distância, por mais próxima que esteja”. (Benjamin 2013,p.57). Essa aura não está apenas no que se vê, mas no modo como o lugar é vivido e sentido. Ela exige presença, envolvimento sensorial e afetivo — não pode ser simplesmente reproduzida ou capturada por imagens. Trata-se de uma experiência estética e sensível, ela é uma vivência complexa de múltiplos sentidos e atravessamentos.

Estar em um lugar desperta em nós várias camadas de experiência, mesmo sem necessariamente utilizar a visão, nos aproxima da figura do flâneur, central nas obras de Benjamin (2013), um caminhante sensível, um andarilho que se deixa levar pelos sons, texturas e histórias de um lugar.

¹ *Corponormatividade* refere-se ao conjunto de normas sociais que estabelecem padrões de corpo, naturalizando corpos específicos e marginalizando outros, especialmente os corpos com deficiência. McRuer, R. (2006)





**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

Vocês, como são privados dessa questão óptica, buscam uma atenção maior para os outros sentidos. Tem um autor que fala sobre Ecologia da Atenção — é uma atenção mais ecológica, mais atenta a todas as sensorialidades que o corpo pode ter: a da pele, a do ouvido, a do cheiro... Eu penso que existe um mito de que a pessoa cega tem superpoderes. Não, não tem. Elas acabam distribuindo a atenção para outras sensorialidades que não o olhar. E isso é fundamental para que o mundo saiba. (Relato da professora Dagmar de Mello Silva no Passeio ao Jardim Botânico, 2022).

O Turismo em uma perspectiva multissensorial consegue acessar todos os corpos nas suas múltiplas relações com o mundo, nesse sentido a cegueira não se torna uma ausência, mais sim uma outra forma de presença — uma presença sensível que mobiliza outros modos de atenção, percepção e vivência do lugar.

4.3 - Existir: Outros modos de ver as paisagens

Foi importante pra mim (o passeio), porque algo acendeu dentro de mim. Com a minha deficiência, eu não posso ver, mas eu tenho as mãos, e com elas eu posso ver. Então, isso foi importante para eu mostrar, primeiramente, para mim mesmo, que eu não posso ver, mas eu posso tocar.

(Participante do Passeio à Exposição Diálogos no Escuro, 2023)

A falta de acessibilidade no turismo afeta as pessoas cegas silenciando suas formas de percepção, mas seu impacto mais severo é a negação da experiência fora dos padrões da corponormatividade, impossibilitando o acesso a outros modos de ver e existir

Eu tinha a curiosidade de ver como era um peixe piranha, a gente ouve que o peixe devora tudo, mas eu aprendi que não é nada disso. Quanto aos tubarões, eu também tinha curiosidade; dizem que ele morde, então eu peguei na arcada dentária, inclusive quase espetou minha mão. Quando eu enxergava, nunca fui a esses lugares, e agora, graças a Deus, eu tenho a oportunidade." (Participante do Passeio ao AquaRio, Instituição Cadevisg, 2025)





**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

Apesar de ter vivenciado anteriormente a exclusão do turismo enquanto ainda enxergava, o participante agora tem acesso a essas experiências por meio do TS que lhe oferece novas possibilidades de vivência e participação. Isso demonstra que a acessibilidade, mais do que garantir o acesso ao lugar, reconhece sua existência e afirmar sua autonomia, permitindo-lhe perceber o mundo a partir de seu próprio modo de ver. Ao desconstruir os relatos que lhes fora contado por pessoas enxergantes, ele agora pode conhecer por si, experimentar e ressignificar. Trata-se de uma acessibilidade que “dá a ver”, e não “vê por” — uma prática inclusiva construída com o outro, e não para o outro, que valoriza e legitima as experiências sensoriais e subjetivas de cada indivíduo.

Eu pude ver que nada está acabado , é difícil viver no meio de pessoas que não reconhecem nossa limitação, em nossa sociedade. Eu entendi que a gente pode sim, nós podemos fazer tudo, ter o nosso espaço está no meio da sociedade, ter direito conforme eles tem, estou grata por tudo, eu estou vendo que nós podemos ir além que nós imaginávamos. E quero falar que esse passeio no Hotel Alpina, do Sesc, foi muito bom , foi maravilhoso, as palavras que nós ouvimos com a guia dentro do ônibus, que foi nos explicando, sobre a fundação , a época, foi bom ouvir tudo aquilo que ela falou, observamos bem, conforme os acontecimentos que ela nos falou, foi muito. Eu me senti muito feliz, uma coisa que eu nunca tinha vivido, uma coisa dessa. (Participante, da Excursão ao Sesc Alpina, Instituição AFAC, 2024)

As atividades do TS possibilitam aos participantes com deficiência um deslocamento simbólico e concreto fora da lógica da exclusão. No relato, a participante evidencia como as barreiras sociais e atitudinais produzem uma sensação de fim, de impossibilidade. No entanto, ao viver essa experiência, ela não apenas denuncia essa estrutura excludente, mas também afirmar sua potência de existir e pertencer, revelando que 'nada está acabado' e que é possível ir além do que se imaginava, ela percebe-se incluída.





Inspirando, impactando e transformando vidas



**25 a 27
de junho**

Hotel Sesc Cacupé
Florianópolis - SC
Rodovia Haroldo Soares Glavan, 1670, Cacupé

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No TS do Sesc RJ, as atividades não são pensadas para oferecer uma inclusão temporária ou simbólica, mas para abrir caminhos de ruptura com a lógica excludente que historicamente marginaliza certos corpos e modos de percepção. Ao valorizar experiências sensoriais diversas — para além da visão e de um corpo considerado 'padrão' —, se propõe uma outra forma de se praticar a hospitalidade no turismo social. Trata-se de uma hospitalidade que, como afirma Derrida (2000), 'só pode começar quando o anfitrião reconhece a alteridade absoluta do hóspede'. Ou seja, não se exige que o outro se encaixe em um modelo normativo de turista ou sujeito; ao contrário, o espaço e as práticas se transformam para acolher a diferença como legítima e constitutiva da experiência turística.

6. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Organização e apresentação de M. Seligmann-Silva, tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução de Maria Isabel de Lima. Petrópolis: Vozes, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Of Hospitality: Anne Dufourmantelle invites Jacques Derrida to respond*. Transl. by Rachel Bowlby. Stanford: Stanford University Press, 2000.

MC RUER, R. (2006). *Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability*. New York University Press.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

